

Gonçalo Portocarrero de Almada

CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉCTICA EM ARISTÓTELES

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA SUA NATUREZA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Quando terminei a licenciatura em Direito, na Universidade Complutense de Madrid, foi-me facultada a possibilidade de fazer uma pós-graduação em estudos humanísticos. Como a Filosofia tinha sido uma primeira opção, em termos de formação universitária, embora depois me tivesse decidido, sem remorsos, pela ciência jurídica, não quis deixar de aproveitar essa oportunidade para concretizar aquele antigo sonho. Foi assim que, aos 22 anos, me encontrei em Roma, a frequentar o Centro Internazionale di Studi.

Ao longo dos vários anos da minha estada romana, nomeadamente como bolseiro do Governo italiano, tive a dita de poder admirar a monumentalidade da antiga capital do império e a graça de saborear a catolicidade da Igreja, que então estreava um novo e histórico pontificado. Nesses anos, convivi também com docentes oriundos de diversos quadrantes e várias dezenas de condiscípulos, quase todos jovens licenciados provenientes das sete partidas do mundo. Para além da assistência às aulas do Istituto di Filosofia desse Centro, que, no seu plano de estudos, incluía as matérias próprias de um currículo universitário de estudos filosóficos e, ainda, uma série de cursos monográficos, tive também a ocasião de desenvolver um trabalho de investigação. Por um feliz acaso, foi-me sugerido o estudo da dialéctica de Aristóteles.

Da dialéctica do Estagirita, a bem dizer, pouco ou nada sabia, para além daquelas generalidades que constam em qualquer manual universitário sobre o pensamento do Filósofo. Alguns textos,

por certo, ignoravam até essa questão, pelo que o meu primeiro trabalho, nesta área, limitou-se à inventariação dos principais textos do fundador do Liceu sobre a sua dialéctica. A par desse tratamento das fontes originárias, foi também meu propósito estabelecer um primeiro contacto com a bibliografia secundária existente, com o intuito de esboçar o *status quaestionis* do tema que me tinha sido destinado ¹.

Para além dessa primeira pesquisa, era também da praxe do Istituto di Filosofia a realização de uma dissertação final, em princípio sobre o mesmo tema já versado naquela primeira investigação. Para esse efeito, tive ocasião de frequentar assiduamente algumas bibliotecas especializadas, como as da Universidade de Roma e das várias academias pontifícias sediadas na cidade eterna.

Nessa altura, tive também o privilégio de contactar, por escrito, uma das maiores autoridades sobre o pensamento de Aristóteles: o Prof. Doutor Enrico Berti, da Universidade de Pádua. Não exagero se afirmar que o Prof. Berti foi a principal referência na minha investigação sobre a dialéctica de Aristóteles, em parte pela extraordinária riqueza dos seus muito numerosos trabalhos sobre esta questão ², mas também pelos seus sábios conselhos, que teve a amabilidade de me fazer chegar por carta, e que foram para mim de grande utilidade e valor.

Dessa relação epistolar importa sublinhar duas principais notas. Em primeiro lugar, a solicitude de um tão afamado professor, em relação a um aluno que lhe era de todo alheio e ao qual não devia, portanto, qualquer assistência. Em segundo lugar, a sua enorme abertura de espírito e capacidade de diálogo com quem, na realidade, não tinha sequer condições para ser seu interlocutor em tais questões. A desinteressada e generosa atitude do Prof. Enrico Berti constituiu, para mim, uma magnífica lição de verdadeiro espírito universitário. Dele recebi o principal estímulo para a prossecução desta investigação e, por isso, ao Prof. Berti devo também o meu primeiro e principal agradecimento.

¹ Desta pesquisa inicial resultou o texto *Aproximación a la dialéctica de Aristóteles*, Istituto di Filosofia, Centro Internazionale di Studi, pro ms., Roma, 1982.

² Cf. «Bibliografia».

Terminada a estada romana, com a apresentação do texto em que procurei sintetizar algumas das principais conclusões a que tinha chegado a minha investigação sobre a dialéctica de Aristóteles³, regressei a Portugal, onde, para além de outros afazeres, desempenhei funções docentes, no âmbito da Filosofia do Direito e do Estado, em duas universidades portuguesas⁴. Data de então a amizade com o Dr. António Braz Teixeira, que na altura leccionava na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, com quem tive a honra de colaborar⁵ e com quem mantenho, desde então, um estimulante e sempre grato e cordial diálogo intelectual. Aos seus bons conselhos e à sua ajuda amiga se fica a dever também, em boa medida, a publicação deste trabalho, pelo que lhe é devida uma palavra de muita estima e gratidão.

A dedicação, em regime de exclusividade, a outras tarefas, arredou-me durante alguns anos das lides universitárias, a que só regressei em 1992, por ocasião da realização do exame de licenciatura em Filosofia na Pontificia Università della Santa Croce, em Roma. Superada essa prova, restava apenas, para concluir o itinerário académico, a obtenção do grau de doutor.

Para efeito da correspondente dissertação, nenhum outro tema parecia tão pertinente e adequado como a dialéctica de Aristóteles. Para este fim, não bastava porém proceder a uma revisão e actualização bibliográfica do texto anteriormente apresentado no Centro Internazionale di Studi⁶; na realidade, foi necessário refa-

³ Cf. *Dialéctica y filosofía en Aristóteles*, Istituto di Filosofia, Centro Internazionale di Studi, pro ms., Roma, 1983.

⁴ Foi também nestes anos que apresentei, sob a orientação do Professor Doutor José Manuel Romero Moreno, a tese de licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade Complutense de Madrid. Cf. *Dialéctica y Filosofía del Derecho. Introducción al estudio de la fundamentación dialéctica del Derecho en Aristóteles*, pro ms., Madrid, 1986.

⁵ Nomeadamente como director-adjunto de *Nomos*, *Revista Portuguesa de Filosofia do Direito e do Estado*. Cf., por exemplo, «Subsídios para a fundamentação metafísica do Direito», *Nomos, Revista Portuguesa de Filosofia do Direito e do Estado*, n.º 1, Janeiro-Junho de 1986, pp. 62-81.

⁶ Muito embora se tivesse conservado a mesma estrutura do trabalho, nomeadamente no que respeita ao estatuto da dialéctica como arte ou técnica da argumentação, como virtude dianoética e como ciência da investigação, praticamente nada mais se manteve do texto original. Para este trabalho

zer, desde o início, toda a investigação. Para esta empresa recorri de novo à colaboração do docente do Istituto di Filosofia que me introduzira no estudo da dialéctica do Estagirita e que, nestas novas circunstâncias, prestou-me, mais uma vez, uma ajuda que não posso deixar de agradecer. Muito embora as suas observações nem sempre tenham logrado alterar o meu parecer, contribuíram de algum modo para uma melhor fundamentação do texto que, finalmente, defendi em sessão pública, em Roma, a 3 de Outubro de 2003, na Aula Höffner da Pontificia Università della Santa Croce ⁷.

Desse trabalho dei resumida conta ao Prof. Berti, na razoável expectativa de que o seu douto parecer não fosse muito favorável, não apenas por razão do seu muito saber e do meu pouco engenho e arte, mas também por certas reticências que encontrara da parte de alguns adeptos de uma exegese filosófica limitada ao sentido óbvio dos textos do Estagirita e, por isso, naturalmente avessa a qualquer tentativa de reinterpretação do pensamento de Aristóteles. Para minha grande surpresa, o insigne professor da Universidade de Pádua não fez seus os referidos reparos e, muito pelo contrário, teve a amabilidade de me fazer saber que, na sua opinião, os resultados obtidos tinham sido excepcionalmente positivos: «ho letto la conclusione del Suo lavoro sulla dialettica di Aristotele, dedicando particolare attenzione alla ‘Proposta interpretativa’. Per quanto la mia comprensione del portoghese sia limitata, ne ho riportato un’ ottima impressione. La Sua proposta mi sembra del tutto convincente, perché tiene conto di tutti gli aspetti della dialettica di Aristotele e, nel suo insieme, si presenta anche come originale.» ⁸

de adaptação e para o seu tratamento informático, agradeço a colaboração que me foi prestada pela Sr.^a D. Sofia Manuela Brandão de Azevedo Pereira Pinto.

⁷ Cf. *Notizie dall’Apollinare*, Pontificia Università della Santa Croce, ano XII, n.º 2, Dezembro de 2003, p. 11.

⁸ «Li as conclusões do seu trabalho sobre a dialéctica de Aristóteles, dedicando particular atenção à ‘Proposta interpretativa’. Embora a minha compreensão do português seja limitada, fiquei com uma óptima impressão. A sua proposta parece-me absolutamente convincente, porque tem em conta todos os aspectos da dialéctica de Aristóteles e, no seu conjunto, é também original» (carta enviada por correio electrónico, a 25 de Agosto de 2003).

Animado por uma tão generosa apreciação, comecei a admitir a hipótese de dar à estampa uma nova versão do texto da minha investigação sobre a dialéctica de Aristóteles, de que apenas um *extractum* fora publicado⁹. Pareceu-me contudo conveniente, não obstante o tão positivo veredicto do Prof. Berti, não propor a publicação destas páginas sem antes apelar ao competente juízo de mais algumas autoridades na matéria. Foi por este motivo que solicitei a opinião de vários estudiosos particularmente credenciados no que concerne à filosofia antiga e, em particular, ao pensamento filosófico de Aristóteles.

Entre estes, quero em primeiro lugar expressar a minha especial gratidão ao Prof. Doutor António Pedro Mesquita, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que teve a amabilidade de me receber e de me encorajar a prosseguir no estudo da filosofia do Estagirita. Sem prejuízo de um parecer mais circunstanciado, o Prof. António Pedro Mesquita, depois de uma primeira abordagem desta investigação, teve a gentileza de reiterar a opinião do Prof. Enrico Berti, por também entender «que se trata de uma obra séria, bem informada, reveladora de boa metodologia de investigação e forte capacidade de problematização filosófica».

A Prof.^a Doutora Maria Luísa Couto Soares, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, teve também a bondade de ler este meu texto e de recomendar, em termos particularmente elogiosos, a sua publicação. Na sua douta opinião, este texto «é um trabalho de grande interesse para o conhecimento da filosofia aristotélica, bem documentado, com um estudo sério e rigoroso sobre as fontes e enriquecido com uma bibliografia secundária rica e actualizada». Ao meu fundado receio sobre a legitimidade dos aspectos mais inovadores deste trabalho, a Prof.^a Couto Soares, com a autoridade do seu saber, deu cabal resposta, em termos que me são especialmente gratos e que, relevada a imodéstia, aqui reprodu-

⁹ Cf. *A Razão Dialéctica em Aristóteles, Introdução ao estudo da sua natureza*, Pontificia Universitas Sanctae Crucis, Facultas Philosophiae, pro ms., Roma, 2003. Desta tese, de acordo com as normas estatutárias, foi posteriormente publicado, em Lisboa, um homónimo *extractum*, com o *imprimatur* do Senhor D. José Francisco Sanches Alves, bispo auxiliar e vigário geral do Patriarcado de Lisboa.

zo: «O autor trata de um tema pouco estudado — a dialéctica de Aristóteles — com muita profundidade filosófica e originalidade de pensamento, propondo uma leitura própria dos textos aristotélicos e marcando posição quanto ao papel que a dialéctica assume no contexto da filosofia do Estagirita.»

Também o Prof. Doutor Aires Manuel Rodeia dos Reis Pereira, a quem igualmente pedi um parecer, atendendo às suas habilitações académicas específicas¹⁰, entendeu que esta dissertação «não é uma simples discussão académica que se limita às possíveis relações entre fontes e bibliografia, porque o pensamento do Estagirita surge como suporte do filosofar, tal como foi objecto da produção filosófica em S. Tomás de Aquino, ou em Kant, entre outros. Este aspecto traduz-se», de acordo com a abalizada opinião do Professor Reis Pereira, «na apresentação conceptual, na formulação dos pressupostos de uma filosofia onde não estava explícita directamente a teoria do conhecimento fundada na dialéctica estudada desde os primeiros escritos às obras da maturidade. A realização da ligação e transversalidade entre as obras de Aristóteles são feitas segundo o princípio do filosofar sobre a filosofia, com uma linguagem ao mesmo tempo viva e comunicativa, plena da novidade que um pensamento como o de Aristóteles proporciona a um filósofo enquanto génese sempre actual do seu próprio filosofar».

Por sua vez, a Prof.^a Doutora Marta de Mendonça, professora auxiliar da Secção de História e Teoria das Ideias, do Departamento de História das Ideias e Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, teve

¹⁰ Licenciado e mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, frequentou o mestrado em Cultura Clássica na Universidade de Coimbra, sob a orientação da Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. Doutorou-se em Ciências Musicais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Leccionou nas Universidades de Aveiro, de Coimbra e Autónoma de Lisboa, onde coordenou uma pós-graduação em Ciências Musicais. Na actualidade é investigador, em regime de pós-doutoramento, no quadro da Universidade de Évora, como bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (cf. Aires Manuel Rodeia dos Reis Pereira, *A Mousiké: das Origens ao Drama de Eurípides*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001).

a bondade de exprimir uma opinião convergente, ao afirmar que o texto agora publicado é «um trabalho que alia a um conhecimento profundo das fontes a audácia de propor — e argumentar detalhadamente — uma tese original, constituindo por isso um valioso contributo para o estudo da parte do *Organon* consagrada à argumentação no âmbito do contingente».

Devo à Prof.^a Doutora Maria José Marques de Figueiredo, docente do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e recentemente doutorada com um interessante estudo sobre a filosofia do Estagirita ¹¹, um generoso comentário a este meu trabalho, o qual muito agradeço, não apenas pelas elogiosas referências mas também pelas suas valiosas sugestões. Como muito bem diz, o facto de um trabalho filosófico suscitar dúvidas e problemas é, para além da solidez das teses que estabelece, prova do seu valor e fecundidade.

A todos agradeço, pois, a leitura atenta e crítica de uma primeira versão deste trabalho, que agora se publica tendo em conta também as suas valiosas sugestões. Graças às suas palavras de ânimo, que tanto incentivaram esta investigação, foi possível esta publicação. Bem hajam!

Muitos outros amigos contribuíram, das mais diversas formas, para a realização deste empreendimento. Entre eles, é de justiça salientar o Prof. Doutor Nuno Ferro, da Universidade Nova de Lisboa, que acompanhou com generosa solicitude todo este longo processo e a quem devo também uma palavra de muita gratidão e amizade. Na impossibilidade de citar, nominalmente, os restantes, embora os seus nomes estejam para sempre gravados na minha memória e no meu coração, a todos aqui deixo, muito reconhecidamente, o meu muito obrigado.

Não obstante o aval positivo de quantos tiveram por bem rever este trabalho, todas as suas deficiências e omissões são, como é óbvio, da minha única responsabilidade. Delas me penitencio, implorando a benevolente compreensão do leitor. Agradeço-lhe, desde já, a bondade de qualquer observação crítica desta investi-

¹¹ Cf. Maria José Marques de Figueiredo, *A Universalidade do Bem e as Particularidades da Liberdade, um Estudo de Ética e Filosofia Política no Pensamento de Aristóteles*, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pro ms., Lisboa, 2004.

gação, «pelo que estará tão longe de ofender-me aquele que justamente a criticar, que antes receberei por benefício, e terei de agradecer-lhe a caridade de instruir-me e de convencer-me»¹².

Ocorrendo, no ano em que apresentei a referida dissertação de doutoramento, o décimo aniversário do nascimento, para a vida eterna, de meu Pai, bem como o centésimo da nascença de meu Avô paterno, foi à memória de ambos que quis dedicar aquele estudo¹³. Cabe-me agora reiterar esse oferecimento, com a renovada homenagem desta centenária evocação e a sentida expressão da minha mais saudosa devoção filial.

¹² Luís da Silva Pereira Oliveira, *Privilégios da Nobreza e Fidalguia de Portugal*, Lisboa, 1806, p. IX.

¹³ O Dr. Alfredo Ary dos Santos, avô do autor, nasceu a 8 de Junho de 1903 em Lisboa, onde faleceu a 13 de Fevereiro de 1975. O pai do autor, Embaixador Dr. Carlos Macieira Ary dos Santos, conde de Macieira, nasceu a 22 de Dezembro de 1927 e faleceu, também em Lisboa, a 11 de Abril de 1993.

I

INTRODUÇÃO HISTÓRICA À DIALÉCTICA
DE ARISTÓTELES

Em jeito de introdução ao estudo da dialéctica em Aristóteles, uma prévia abordagem histórico-filosófica da questão.

Noutra ocasião, já se teve a oportunidade de desenvolver, ainda que de forma incipiente, alguns aspectos relativos à dialéctica pré-aristotélica¹, pelo que, nesta primeira parte, procurar-se-á localizar a dialéctica de Aristóteles a partir de duas grandes coordenadas: a que descreve a obra do Filósofo e a que assinala o processo evolutivo do seu pensamento. Por um lado, importa situar a dialéctica no contexto da obra de Aristóteles, ou seja, determinar quais as razões que levaram o Estagirita à elaboração do seu tratado sobre a dialéctica e a sua relação com o *corpus aristotelicum*; num segundo momento, procurar-se-á determinar qual o lugar que corresponde à dialéctica no pensamento filosófico de Aristóteles.

Quanto a uma eventual referência à vida de Aristóteles, uma ressalva se impõe, porque não se vai escrever, nas páginas que se seguem, uma nova biografia do Estagirita. A existência de vários textos relativos à vida do fundador do Liceu dispensa que, nesta sede, se proceda a um estudo sobre esse tema, que, a bem dizer, teria mais cabimento numa análise histórica do que num ensaio que se pretende de investigação filosófica. Não só seria de duvidosa oportunidade traçar, nestas páginas, o perfil do Filósofo

¹ Cf. do autor, *Aproximación a la dialéctica de Aristóteles*, pro ms., Roma, 1982.

ÍNDICE GERAL

Apresentação e agradecimentos	7
-------------------------------------	---

I. INTRODUÇÃO HISTÓRICA À DIALÉCTICA DE ARISTÓTELES

1.1. Aristóteles e a dialéctica na Academia	20
1.2. A dialéctica na obra de Aristóteles	49
1.2.1. A dialéctica nos diálogos de juventude	54
1.2.1.1. O <i>Grilos</i> ou <i>Sobre a Retórica</i>	57
1.2.1.2. O diálogo <i>Peri ideon</i>	61
1.2.1.3. O <i>Eudemo</i> ou <i>Sobre a Alma</i>	65
1.2.1.4. O relatório do curso <i>Sobre o Bem</i>	66
1.2.1.5. O diálogo <i>Sobre a Filosofia</i>	68
1.2.1.6. O <i>Protréptico</i>	71
1.2.2. A dialéctica no <i>corpus aristotelicum</i>	77
1.2.2.1. A <i>Retórica</i>	80
1.2.2.2. Os <i>Primeiros Analíticos</i> e os <i>Analíticos Posteriores</i>	82
1.2.3. O tratado da dialéctica: os <i>Tópicos</i> e os <i>Elencos Sofísticos</i>	87
1.2.3.1. A datação dos <i>Tópicos</i>	89
1.2.3.2. A unidade interna do tratado sobre a dialéctica	92
1.2.3.3. O conteúdo dos <i>Tópicos</i> e dos <i>Elencos Sofísticos</i>	100

1.2.3.4. Um caso particular: as doutrinas das categorias e do silogismo	106
1.2.3.5. Conclusões sobre o tratado da dialéctica e o <i>corpus aristotelicum</i>	110
1.3. A redução da dialéctica à lógica formal	118
1.4. Conclusões	133

II. ANÁLISE DA DIALÉCTICA

2.1. Os pressupostos da dialéctica	146
2.1.1. A possibilidade do conhecimento: da retórica à dialéctica	147
2.1.2. A análise da linguagem	171
2.1.3. O critério de verdade	197
2.1.4. Lógica formal e dialéctica	212
2.2. A dialéctica como arte ou técnica do discurso	221
2.2.1. O conceito de arte	224
2.2.2. A arte dialéctica como saber normativo	235
2.2.3. Carácter pedagógico da arte dialéctica	237
2.2.4. A construção do diálogo	245
2.3. A dialéctica como virtude dianoética	249
2.3.1. Introdução	251
2.3.2. Fundamentação do carácter dianoético da dialéctica	259
2.4. A dialéctica como ciência da investigação	277
2.4.1. O objecto do conhecimento dialéctico	291
2.4.2. Dialéctica e teoria do conhecimento	305
2.4.3. Crítica dialéctica e sabedoria	314

III. CONCLUSÕES

3.1. Introdução	337
3.2. Síntese conclusiva	339
3.3. Proposta interpretativa	357

IV. BIBLIOGRAFIA

4.1. Fontes	367
4.1.1. Obras de Aristóteles	367
4.1.1.1. Gerais	367
4.1.1.2. <i>Metafísica</i> (cit. <i>Metaph.</i>)	367
4.1.1.3. <i>Ética a Nicómaco</i> (cit. <i>Eth. Nic.</i>)	367
4.1.1.4. <i>Retórica</i> (cit. <i>Rhet.</i>)	368
4.1.1.5. <i>Tópicos</i> (cit. <i>Top.</i>)	368
4.1.1.6. <i>Elencos Sofísticos</i> (cit. <i>El. soph.</i>)	368
4.1.2. Comentários a Aristóteles	368
4.1.3. Obras de Platão	369
4.1.4. Outras fontes	369
4.2. Outros textos	369

V. ÍNDICES

5.1. Índice onomástico a. C.	381
5.2. Índice onomástico d. C.	383